



Edvard Munch | *A Dança da Vida*, 1899-1900

Baile da vida, *teatro da vida*

“A arte e a vida nos ajudam na observação interior do que não se revela, do obscuro, da sombra que se quer fazer luz.”

Quando ministro da Cultura de Charles De Gaulle, o escritor e político francês André Malraux cunhou a expressão “museus imaginários”. São aqueles livros de arte, de qualidade gráfica impecável, que apresentam uma galeria com as principais obras dos publicados. Além do grande apoio aos museus franceses, resolveu universalizar suas obras colocando-as ao alcance de estudantes e/ou estudiosos de qualquer parte do mundo. Muitos de nós, antes de visitarmos pessoalmente o Louvre, já o conhecíamos, em parte, por meio desses museus imaginários.

Pois bem, deem-se à seguinte tarefa: peguem um desses volumes e selecionem um tomo de modernos. Procurem o nome Edvard Munch e verão que era um pintor norueguês (1863-1944), expoente do simbolismo e precursor dos expressionistas. Foi só para localizar. O cara me interessou porque queria aprender a viver e não conseguia. Por quê? Primeiro, porque é difícil mesmo. Segundo, porque sua bipolaridade e dependência química não deixavam (tinha problemas com álcool). Resultado: pintou a turbulência de sua própria mente, impossível de organizar. Pintou suas angústias, seus sentimentos mais profundos, e com isso muitos dos movimentos interiores do homem moderno.

Como não entendo nada de pintura, a impressão da primeira visão foi a de um pintor estranho e ruim. Estranho sim, mas ruim? Logo percebi meu mau juízo e três coisas mais. A primeira: aprendi a reconhecer um Munch imediatamente; era personalíssimo. Ora, isso é qualidade, e não ruindade. Segunda, causava-me desconforto. E olhem que já estava habituado a muitos pacientes estranhos. E a terceira: suas figuras expressavam um relevo de solidão e desilusão que só encontrara no americano Hopper (1882-1967). Como consequência, foi se tornando um dos meus preferidos a ponto de utilizá-lo em aulas. E pude compreender sua mira: “A natureza é o meio, não o fim. Se é que deve ser procurada”.

A Dança da Vida é um retrato da vida. Duas mulheres solitárias extremam a tela. São as figuras da inocência. A virgem, ansiosa por juntar-se à dança; e a da viúva, expressando a morte da sexualidade. No meio, um padre, o suposto equilíbrio humano, envolvido pelos cabelos esvoaçantes da mulher. E há outro casal, onde a libido de um é a rejeição do outro. E há figurantes, muitos. Como na vida. É uma festa vazia, nada se resolve. A força pictórica está na dor, na desilusão, no constante reinício, embora permaneça uma nesga de esperança. Apagam-se as luzes da dança, abre-se a claridade do estádio de futebol com

seu espetáculo de arquibancadas e relvado. Inicia-se uma imensa psicoterapia de grupo.

Em princípio, tudo é previsível. Agitação, paixão, aditivos químicos, vitupérios e os vilões de sempre, que vestiam preto e hoje escondem-se atrás de outras cores. É dada a saída e a mesmice se instaura, como na vida. Toques previsíveis, comportamentos pouco amistosos, de quando em vez um gol suado. Um grito de alegria, abraços e acenos rápidos, cabeças caídas, satisfação ou decepção, nada mais igual. De repente, o inesperado. Ou quase. A casualidade em ação. A possibilidade da rara bicicleta, do drible desconcertante, do passe milimétrico, do cruzamento certo, da defesa impossível, do toque de classe, da mão que ajuda... É a vida no seu melhor estilo; é a vida! Daí ser o grande teatro. Onde o preparo, o planejamento, a dedicação, o esforço, a organização e o talento, ditam a causalidade. A lógica sublinhando o esperado. E, às vezes, de novo, a subida ilógica do pequeno, do mais fraco, torcendo as dobraduras do destino.

É a vida! E que vida! Gols imponderáveis ou gols de superioridade real? Os dois, sempre os dois. Mas a previsibilidade é a regra; o acaso, o molho que dá gosto a um esporte que dilacera, disseca almas, mas também dá tônus. E munção pra galhofa. E daí, qual a correlação entre baile da vida, teatro da vida e medicina? Observação. Medicina é antes de tudo observação. E correlação.

Embora o ser humano seja predominantemente visual e verbal, se não treinar o que tem de melhor não alcançará o status da imprevisibilidade, daquilo que poucos veem. Tudo será previsível, pequeno. Só se torna imprevisível quem, além do talento, treina a visão com persistência, quem consegue ir além do olhar. Ou transvê, no dizer do poeta. Portanto, observar é transver e correlacionar. E a arte e a vida nos ajudam na observação interior do que não se revela, do obscuro, da sombra que se quer fazer luz. Baile e teatro, visões de quem não quer ficar só. De quem quer transver coisas e outros. **❶**

Palavras de Mestre

DR. JOÃO MANUEL

“O pensamento deve ter a pureza poética da intuição, o fulgor da percepção, o rigor da lógica e passar pelo crivo do confronto de seus opostos em busca da síntese precisa. Ademais, ainda necessita da retórica convincente daqueles que o depuraram. Isto é ciência e arte médica indissociadas.”

